



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JOSÉ EDNO DOS SANTOS

**O CANCELAMENTO DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO EM CAMPINA
GRANDE-PB NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19 E OS SEUS
IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS**

**CAMPINA GRANDE
2022**

JOSÉ EDNO DOS SANTOS

**O CANCELAMENTO DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO EM CAMPINA
GRANDE-PB NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19 E OS SEUS
IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Faustino Moura Neto

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Jose Edno dos.

O cancelamento do maior são João do mundo em Campina Grande - PB no contexto da pandemia do Covid-19 e os seus impactos socioeconômicos [manuscrito] / Jose Edno dos Santos. - 2022.

28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Faustino Moura Neto, Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Festa junina. 2. Festa popular. 3. Impactos socioeconômicos. 4. Campina Grande - Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 306.48

JOSÉ EDNO DOS SANTOS

O CANCELAMENTO DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO EM CAMPINA GRANDE-
PB NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19 E OS SEUS IMPACTOS
SOCIOECONÔMICOS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Geografia.

Aprovada em: 13/10/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Faustino Moura Neto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde (Examinador)
(Universidade Estadual da Paraíba (UEPB))



Profa. Ma. Nathália Rocha de Moraes (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 METODOLOGIA.....	6
2.1 Caracterização geográfica da área de estudo.....	6
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
3.1 Espaço, cultura e economia	8
3.2 A espacialidade do Maior São João do Mundo em Campina Grande-PB	11
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
4.1 A dinâmica econômica do evento	13
4.2 A importância da festa segundo a população amostral	18
4.3 Os prejuízos do cancelamento da festa	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	26

O CANCELAMENTO DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO EM CAMPINA GRANDE-PB NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19 E OS SEUS IMPACTOS SOCIOECONOMICOS

José Edno dos Santos¹
Ms. Faustino Moura Neto²

RESUMO

A presente pesquisa analisa os impactos socioeconômicos decorrentes do cancelamento do Maior São João Mundo em Campina Grande-PB nos anos de 2020 e 2021 em razão da pandemia do Covid-19. Para isso, utilizou-se como materiais de análise um questionário semiestruturado aplicado a uma população amostral composta por 40 pessoas, a partir do método empírico. A partir da pesquisa foi possível perceber a importância social e econômica que a festa representa para a cidade para, a partir disso, compreender e mensurar os impactos que o cancelamento da festa causou na população. O referencial teórico adotado se baseia nos fundamentos da Geografia cultural em interface à Geografia econômica, compreendendo, ao longo da pesquisa, que o fator econômico possui representatividade relevante para a festa, indicador este reconhecido, sobretudo, pela população da cidade.

Palavras-chave: Festa junina. Festa popular. Impactos socioeconômicos. Campina Grande-Paraíba.

ABSTRACT

The present research analyzes the socioeconomic impacts caused by the cancellation of Maior São João Mundo in Campina Grande-PB in the years 2020 and 2021 due to the Covid-19 pandemic. For this, used as analysis materials of a semi-structured population applied to a sample composed of 40 people, from a semi-structured composition of the empirical method. From the research it was possible to perceive the social importance of the party that represents the economic city, from that, understand and measure the cancellation of the party in the population and the impacts. The economic reference of the economic city is based on the foundations of cultural geography, which considers the long period of the city that has representation for the party, an indicator recognized, above all, by the city.

Keywords: June celebration. Popular party. Socioeconomic impacts. Campina Grande-Paraíba.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

² Professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema os impactos socioeconômicos decorrentes do cancelamento do Maior São João Mundo em Campina Grande-PB nos anos de 2020 e 2021 em razão da pandemia do Covid-19. O município de Campina Grande, por estar localizado no Planalto da Borborema, a aproximadamente 552m de altitude, se tornou conhecida pelo seu clima ameno, característica esta que contribuiu para o crescimento demográfico e econômico da cidade, além de suas características comerciais, sobretudo com a chegada da linha férrea.

No entanto, para além do clima, outras características geográficas participaram do desenvolvimento da urbe, a exemplo da sua localização geográfica, que intermedia o contato entre litoral e sertão, se colocando historicamente como “parada obrigatória” para os viajantes que faziam este trajeto (ALMEIDA, 1962; CÂMARA, 1997). E, com o passar do tempo, a festa junina da cidade se tornou conhecida nacionalmente como sendo “O Maior São João do Mundo”, fato que estabeleceu um laço de identidade com os moradores da cidade e com sua história.

Diante disto, ressaltamos nossa escolha pela festa junina de Campina Grande a partir de um olhar social e econômico enquanto objeto de estudo. Este olhar socioeconômico possui uma relação privilegiada com o espaço em nossa abordagem, dada a importância da festa para a cidade e para os seus habitantes e turistas que frequentam.

Em face de toda relevância que o evento mencionado possui, achamos pertinente levantar enquanto questão de pesquisa: quais os impactos sociais e econômicos decorrentes do cancelamento, no contexto de pandemia, do Maior São João do Mundo em Campina Grande-PB? Diante disso, o objetivo geral estabelecido consiste em analisar os impactos sociais e econômicos no município de Campina Grande/PB, decorrentes do cancelamento do Maior São João do Mundo, nos anos de 2020 e 2021.

A escolha pelo tema partiu, inicialmente, dos efeitos mensurados a partir da percepção da sociedade campinense com a notícia do cancelamento da festa junina, o que indica a importância social e econômica da festa para a cidade e sua população, sendo este o motivo pelo qual vinculamos os impactos econômicos aos sociais, considerando uma relação indissociável.

Acreditamos que a pesquisa contribuirá cientificamente enquanto uma das produções que colocam em xeque os prejuízos causados pelo COVID-19, em seus mais variados campos, tendo esta pesquisa se detendo ao campo da economia e sociedade. Para o conhecimento geográfico, o estado da arte é amplo a respeito de produções sobre as festas

tradicionais, em suas mais diversas abordagens geográficas; entretanto, produções que relacionam estas festas a impactos produzidos pela pandemia se apresentam enquanto inovadores para a produção científica. A relevância social da pesquisa, por sua vez, reside em lançar luz sobre a dimensão negativa do vírus sobre todos os possíveis campos onde há a atuação humana e suas relações com o meio ambiente, economia e sociedade.

O trabalho está dividido de maneira que, inicialmente, apresentamos a metodologia da pesquisa; em seguida fazemos a discussão teórica que fundamenta a pesquisa; depois apresentamos os resultados discussões para, por fim, tecer as conclusões da pesquisa.

2. METODOLOGIA

Inicialmente foi produzido um questionário semiestruturado para um quadro amostral composto por 40 (quarenta) pessoas, entre moradores e não moradores da cidade que possuem algum vínculo com a cidade e com a festa junina, aplicados no ano corrente de 2022.

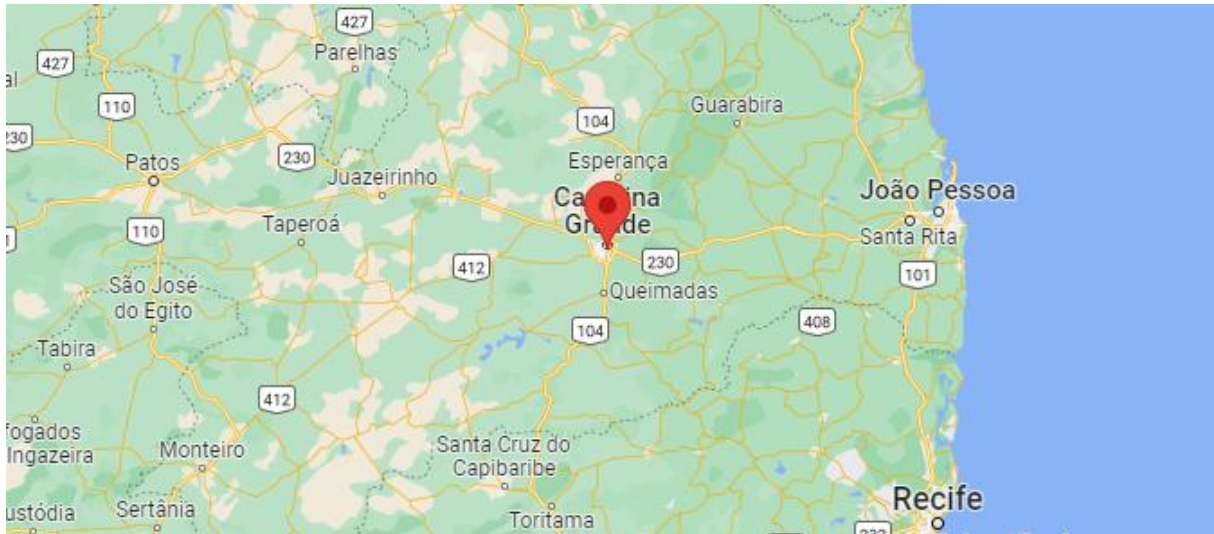
Os dados foram validados a partir do conceito de “validade científica”, no qual valida as hipóteses construídas pelo pesquisador a partir de uma amostragem, indicando a existência das teses buscadas pelo pesquisador a partir das hipóteses sugeridas (MALTERUD, 2001). A pesquisa se insere ainda enquanto pesquisa empírica, considerando a construção dos dados por meio do questionário semiestruturado (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Vale ressaltar a respeito dos métodos que a pesquisa se delineou, em princípio, partindo das hipóteses, aplicando-se o método hipotético-dedutivo, a ser confirmado a partir dos dados levantados. A indicação dos métodos abre espaço para uma vasta literatura a respeito dos problemas investigados e para uma investigação que se aplique a partir dos objetivos delimitados, enquanto busca de respostas a estes (LAKATOS; MARCONI, 2003).

2.1. Caracterização geográfica da área de estudo

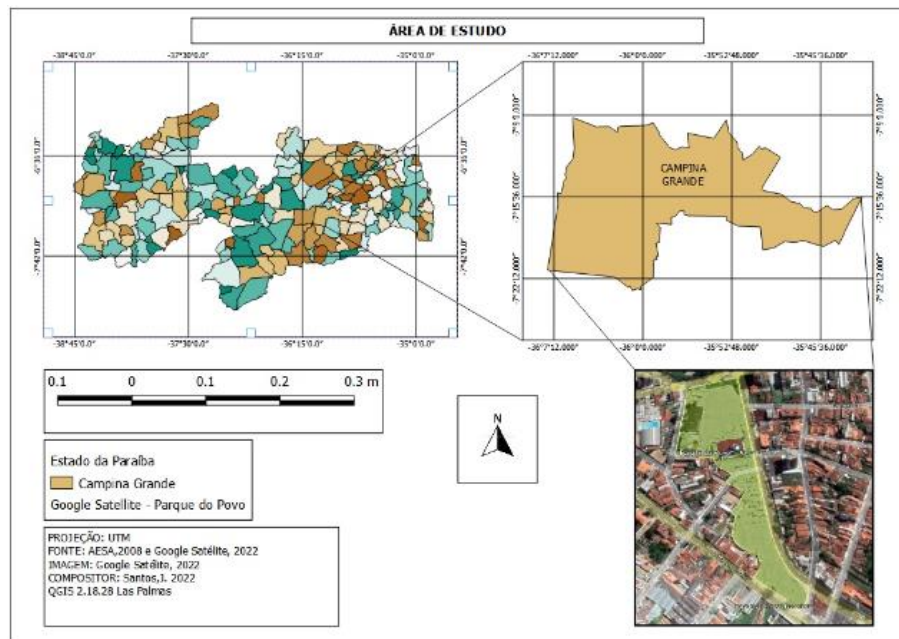
A cidade de Campina Grande/PB (Figura 1), está localizada na mesorregião do Agreste paraibano, entre as coordenadas $7^{\circ} 13' 50'' S$ $35^{\circ} 52' 52'' O$, a aproximadamente 120 km da capital João Pessoa. É considerada a maior e mais desenvolvida cidade do interior paraibano.

Figura 1 - Localização geográfica de Campina Grande/PB



Fonte: Autor (Google Maps, 2022)

Mapa 1 - Localização geográfica do parque do povo



Fonte: Autor (2022)

Figura 1 - Localização geográfica do parque do povo



Fonte: Internet (Reprodução)

A área de unidade territorial é composta por 591,658km², com arborização de vias públicas em 82,5% e urbanização de vias públicas em 19,4%. A cidade conta com uma população de aproximadamente 400 mil habitantes e uma densidade demográfica de 648,31hab/km². A pirâmide etária do município tem a maioria nos índices entre 20 e 29 anos, considerando a característica universitária que a cidade possui. (IBGE, 2021)

O salário médio mensal dos trabalhadores formais chega a 2,2 salários mínimos, com um pessoal ocupado de 110.075 pessoas, o que representa 237% da população ocupada. Por outro lado, o percentual da população com rendimento mensal per capita de até 1/2 salário mínimo é de 39,5%.

A escolarização do município conta com uma taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade chegando a 97,6%, com 286 escolas de ensino fundamental e 65 escolas de nível médio, além de um IDEB de 5,2 para o ensino fundamental anos iniciais e 3,5 para anos finais. (IBGE, 2021).

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Espaço, cultura e economia

O conceito de “espaço” na Geografia é amplamente revisitado. Inicialmente, concordamos com Corrêa (1982) no que concerne à associação do conceito de espaço ao fator

“tempo”, ou seja, a produção de um espaço passa obrigatoriamente pelas intencionalidades de quem o produziu e ao seu tempo, conforme Santos (2006, p. 31), “a cada sistema temporal o espaço muda”. Para este segundo autor, o espaço seria, por definição, a matéria por excelência, a segunda natureza, seria ainda a relação entre homem e natureza mediada pelo trabalho – influenciado por Karl Marx (SANTOS, 2002).

Portanto, o espaço pode ser considerado como o resultado da atividade humana, atravessado por três dimensões: i) econômica – produção de bens e serviços, ii) cultural-simbólica – significados e representações, e, iii) política – interesses dos grupos sociais a partir das relações de poder (BARRIOS, 1986). Em revisão a este conceito, destacamos ainda a proposição de Lefebvre (1976; 1991), na qual o autor acredita que a produção do espaço pode ser compreendida como um instrumento político e ideológico, como reprodução do trabalho a partir do consumo. Em leitura à obra de Lefebvre, Braga (2007, p. 70) esclarece que

Lefebvre destaca ainda uma tríade do espaço: a) espaço percebido, do corpo e da experiência corpórea, ligado às práticas espaciais (produção e reprodução social numa relação dialética com o espaço); b) espaço concebido ou espaço do poder dominante e da ideologia. Está relacionado com as representações do espaço, ou seja, o espaço dominante do modo de produção, o espaço dos planejadores e do poder; c) espaço vivido. Une experiência e cultura, corpo e imaginário de cada um de nós. É o espaço de representação.

Para Santos (2006), o espaço está mediatizado pelo tempo e pela técnica, de forma indissociável. Para o referido autor, a relação se dá da seguinte forma:

As técnicas são datadas e incluem tempo, qualitativamente e quantitativamente. As técnicas são uma medida do tempo: o tempo do processo direto de trabalho, o tempo da circulação, o tempo da divisão territorial do trabalho e o tempo da cooperação. O espaço é formado de objetos técnicos. O espaço do trabalho contém técnicas que nele permanecem como autorizações para fazer isto ou aquilo, desta ou daquela forma, neste ou naquele ritmo, segundo esta ou outra sucessão. Tudo isso é tempo. [...] O trabalho supõe o lugar, a distância supõe a extensão; o processo produtivo direto é adequado ao lugar, a circulação é adequada à extensão. Essas duas manifestações do espaço geográfico unem-se, assim, através dessas duas manifestações no uso do tempo (SANTOS, 2006, p. 34).

Santos (2006) sintetiza o conceito de “espaço” vinculando as relações humanas e não humanas no processo de definição do espaço, atravessadas por interesses e influências. Para o referido autor, o espaço consiste na totalidade e inter-relações destes elementos, sempre num perspectiva dialética e material. De acordo com o autor, “o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados)

segundo uma lógica” (SANTOS, 2006, p. 24), o autor ainda afirma que “o espaço é um misto, um híbrido, um composto de formas-conteúdo” (SANTOS, 2006, p. 25).

Desse modo, segundo Santos (2006), conceituar espaço é um exercício complexo, entretanto, as bases teóricas que orientam o estudo sobre o espaço geográfico delimitam recortes e modos de abordagem. Neste sentido, o conceito de espaço, ao admitir estas inter-relações entre os elementos que o compõem, dá espaço para outras relações materiais e abstratas, a exemplo da relação entre economia e cultura em um determinado espaço delimitado, como no caso estudado por este trabalho, que tem um espaço delimitado e recortado territorial e culturalmente.

Para Castro (2015), a relação entre economia e cultura se inicia ao se considerar nas práticas de valorização monetária da cultura, para este autor, “o fazer cultural, como qualquer outro fazer humano, em uma sociedade capitalista, não consegue se furtar de existir plenamente nesse meio, ou seja, de ser tão capitalista quanto o próprio ethos no qual existe” (CASTRO, 2015, p. 12), neste sentido, há uma apropriação da cultura pelo capital. Para Costa e Cunha (2015), por sua vez, a relação entre economia e cultura propicia possibilidades de desenvolvimento econômico e geração de empregos, o que, a partir desta lógica, os impactos pelo cancelamento de eventos culturais acarretam impactos maiores em esferas locais e regionais.

De acordo com os autores,

a cultura, atualmente, pode ser compreendida tanto como substrato das escolhas de cada povo, orientando o sentido e os mecanismos para a realização de um desenvolvimento inclusivo e abrangente, como um insumo econômico essencial para agregar valor aos bens e serviços produzidos em determinado país, região ou local, através de atividades intensivas em criatividade e inovação. [...] Em uma visão menos abrangente, a cultura pode também ser percebida como uma fonte de geração de renda e emprego, tendo como origem primeira a produção de bens e serviços ligada ao patrimônio cultural específico de um povo ou comunidade. Nesse sentido, pode-se falar na cultura como um setor econômico específico, o qual agrega valor aos seus produtos e serviços a partir do uso da criatividade e inovação, aplicadas à herança cultural (COSTA; CUNHA, 2015, p. 36).

Para o autor, o território se insere nesta relação como

Um cadinho de dimensões socioeconômicas, edafoclimáticas, simbólico-culturais e políticas, configurando um espaço de construção de uma identidade coletiva, no qual as pessoas ali radicadas sejam capazes de identificar e estabelecer consensos sobre os fins e os meios de seu próprio projeto estratégico de desenvolvimento (COSTA; CUNHA, 2015, p. 46).

Desta feita, economia, território e cultura se encontram em intersecção a partir desta apreciação teórica, o que nos orienta na apropriação destes conceitos para analisarmos o

cancelamento da festa do Maior São João do Mundo em Campina Grande/PB, focalizando nos seus impactos socioeconômicos.

Figura 2 - Festa junina como cultura manifesta no evento



Fonte: Internet (Reprodução)

3.2. A espacialidade do Maior São João do Mundo em Campina Grande-PB

A festa do Maior São João do Mundo tem como influência as festas católicas da Idade Média na Europa, em que se celebravam os seus santos. Estas manifestações culturais, por sua vez, foram trazidas pelos portugueses no contexto da colonização do Brasil. De acordo com Vitalli (2008, p. 21),

Quando os portugueses iniciaram o empreendimento colonial no Brasil, a partir de 1500, as festas de São João eram o centro das comemorações de junho. Alguns cronistas contam que os jesuítas acendiam fogueiras e tochas em junho, provocando grande atração sobre os indígenas. No Brasil essa época coincidia com a realização dos rituais mais importantes para os povos que aqui viviam referentes à preparação dos novos plantios e às colheitas.

A primeira edição do Maior São João do Mundo ocorreu em junho de 1983, no espaço onde hoje é o Parque do Povo. Em cinco anos de festa, de acordo com Matos (2018), a festa já fazia parte de catálogos de turismo em todo o Brasil, tornando-se paulatinamente a maior festa do estado da Paraíba. Em entrevista concedida à autora supracitada, a diretora do Memorial do Maior São João do Mundo, Cléa Cordeiro, afirma que “antes de ter essa festa de São João, a população costumava comemorar a festa junina nos bairros, com as quadrilhas e

nos clubes. Eram pelo menos três clubes que tinham essas festas e a cidade contava com 113 quadrilhas juninas. Uma das mais famosas era a Xote Menina”.

Figura 3 - Primeiras versões do evento



Fonte: Internet (Reprodução)

A entrevistada, na mesma entrevista à autora, ainda destaca que o lugar onde nasceu o Parque do Povo, palco da festa,

Era um terreno baldio, sem nada. Então naquele ano, a prefeitura fez uma palhoça e um piso simples de cimento. Na época já tinha um letreiro com o nome “O Maior São João do Mundo”. Foi meio que uma coisa feita em cima da hora. Muitas pessoas ajudaram levando bandeirolas e objetos para ornamentar. Não havia empresa, nem equipes específicas da prefeitura. Era tudo feito pelo povo.

A partir de 1984 o evento passou a durar 30 dias, os famosos “30 dias de festa”, reunindo diversas atrações culturais e apresentação de artistas. De acordo com Matos (2018, p. 62),

Com o sucesso da festa nos três primeiros anos, em 1986 a prefeitura começou a construir o Parque do Povo. Inicialmente foi construída a “Pirâmide” e pavimentada a parte superior do local, onde hoje fica a área de shows do palco principal. Um fato curioso sobre a construção do Parque do Povo é que a famosa “Pirâmide” na verdade foi construída para representar uma fogueira e que o local seria chamado de “Forródromo”, em referência ao Sambódromo, em São Paulo. Mas, pelo formato, pouca gente relacionava a obra a uma fogueira e o local ficou conhecido mesmo como a “Pirâmide do Parque do Povo”.

Ainda na década de 1980 a festa ganhou a presença de inúmeras barracas de vendas de bebidas e comidas, configurando o que se tornou a proporção econômica que possui hoje. No ano de 1999 a festa ganhou mais uma atração: a cidade cenográfica, que replicava os casarões antigos presentes na história e cultura material de Campina Grande.

Para Nóbrega (2009, p. 2), a referida festa, além de um fenômeno cultural “é também um fenômeno social, com muitos desdobramentos culturais, entre eles sua característica de

reminiscência rural, tradições e apegos às origens e à ‘nordestinidade’”. Nesta cadeia se inserem as formas de apropriação de uma ideia cristalizada sobre o nordestino, manifestas nas roupas, nos calçados, na comida, que se convertem em linguagem para a festa em toda a sua amplitude.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. A dinâmica econômica do evento

Para se ter uma dimensão da representatividade econômica do evento para a cidade, em pesquisa realizada por Costa (2016), em que participaram como entrevistados 138 estabelecimentos comerciais – dentre hotéis, bares e restaurantes, constatou-se que 47% dos comerciantes declararam ganhos acima de 27% durante a festa junina; na rede hoteleira, 67% dos participantes declararam ganhos acima de 26%; para bares e restaurantes, de acordo com 43% dos entrevistados, o aumento passou dos 25% durante a festa junina. Ainda de acordo com a pesquisa, em termos de receita, estimou-se uma movimentação de R\$ 48.295.585,05 gerada pelo turismo durante a festa junina, enquanto para excursionistas, a receita chegava a R\$ 8.458.506,25 para a cidade.

A pesquisadora ainda aponta para uma movimentação de R\$ 8.780.031,66 de faturamento para os banqueiros, quiosqueiros e ambulantes do Parque do Povo³, além de uma receita total de R\$ 45.087.476,96 gerada pela própria população da cidade nos limites do Parque do Povo. O impacto econômico geral da festa junina para a cidade, de acordo com a pesquisa da autora, chegava a R\$ 160.952.075,32 (referência do ano de 2013).

A fala do ex-prefeito de Campina Grande, Romero Rodrigues⁴, reforça os dados:

Os efeitos do São João são imensos, primeiro, do ponto de vista econômico, os efeitos são vistos no comércio, nos hotéis, bares, restaurantes e similares, propiciando o fortalecimento da economia, tanto é que, no resultado das receitas, nós temos em junho um melhor desempenho do que no período do Natal, onde em todo o Brasil, no final de ano, existe um maior aquecimento das vendas no comércio⁵.

O ex-secretário municipal de desenvolvimento, Luis Alberto Leite, acrescenta que

os efeitos para Campina Grande são extremamente benéficos, primeiro porque tem um incremento no desenvolvimento econômico, traz recursos para Campina Grande, traz emprego, apesar da informalidade ser muito alta, mas muitas pessoas conseguem o seu décimo terceiro, seu décimo quarto salário no São João de Campina Grande [...] e em termos de desenvolvimento incrementa bastante a

³ Sede do evento.

⁴ Gestor municipal entre 2013-21.

⁵ Entrevista com o ex-prefeito Romero Rodrigues (*apud* COSTA, 2016).

arrecadação do município e do Estado da Paraíba, como Campina divide o ICMS com todos os municípios do Estado, acaba beneficiando o Estado inteiro⁶.

Destacamos que estes dados se apresentam enquanto uma pequena amostragem do que a festa significa economicamente para a cidade, outros dados como estes se encontram nesta e em várias outras pesquisas já realizadas sobre a importância desta festa para a economia local.

Figura 4 - Representatividade do evento para a cidade manifesta como produto de marketing



Fonte: Internet (Reprodução)

A pandemia do novo coronavírus teve seu primeiro caso confirmado em 2019, na cidade de Wuhan (China), em poucas semanas tornou-se caso de epidemia, sendo elevado ao grau de pandemia pouco tempo depois, tendo casos confirmados e proliferação em todos os continentes do planeta. Não somente a alta taxa de mortalidade, mas inúmeros impactos ao mundo foram produzidos por este vírus, no plano econômico, político e social.

Com o surgimento do vírus SarS-Cov-2 (COVID-19), em 2020, os impactos se dissiparam e se aprofundaram em todos os campos das sociedades mundiais, uma vez que o referido vírus atingiu um potencial pandêmico, que se estende até a presente data. Destarte, as festas regionais no Brasil também tiveram impactadas e, conseqüentemente, as economias das respectivas cidades das quais elas representam.

De acordo com a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), a economia brasileira perderá em média 8 bilhões de reais que seriam injetados na economia nacional para este campo de atuação (comércio, bens, serviços e turismo) em relação ao ano passado. Além de 25 mil postos de emprego que seriam abertos, de acordo

⁶ Entrevista com o ex-secretário municipal de desenvolvimento Luis Alberto Leite (*apud* COSTA, 2016).

com a entidade (MILENA, 2021). Para a economista Eliane Alves, “o cancelamento de uma festividade de proporções tão significativas na nossa economia [...], impacta negativamente em diversos setores” (MILENA, 2021).

No Ceará, os “impactos econômicos negativos da pandemia do novo corona vírus (Covid-19) no setor de eventos são calculados em cerca de R\$ 173,9 milhões neste ano [...]” (DAMASCENO, 2021), estimam-se, ainda, que “3,6 mil empregos diretos e 10,8 mil indiretos deixarão de ser gerados devido aos cancelamentos das feiras, congressos e seminários” (DAMASCENO, 2021, online). Para Bronze (2020), os estados do Maranhão, Bahia e Pernambuco teriam em 2020 um prejuízo estimado em mais de 1 bilhão de reais.

Ainda para a autora,

Segundo o Governo do Maranhão, a Secretaria de Estado da Cultura estima que a perda para a economia chegue a R\$ 76 milhões. O estado possui a tradicional festa do Bumba Meu Boi, que começa a partir do dia 13 de junho até o fim do mês. Em 2019, a Festa de São João do Maranhão teve o investimento de R\$ 19 milhões, com retorno estimado de R\$ 76 milhões. Em São Luís, a ocupação hoteleira ficou em 70%, enquanto Barreirinha, nos Lençóis Maranhenses, registrou 85%. O Aeroporto Internacional de São Luís movimentou cerca de 150 mil passageiros em junho, alta de 15% em relação a 2018 (BRONZE, 2020, <https://paginadanoticia.com.br/noticia/4304/sem-sao-joao-maranhao-bahia-e-pernambuco-devem-ter-prejuizo-de-mais-de-rs-1-bi.html>).

A autora finaliza mencionando que na Bahia “estima-se que o cancelamento das festas juninas deve gerar o impacto superior a R\$ 550 milhões. A informação é da Superintendência dos Estudos Econômicos Sociais da Bahia, vinculado à Secretaria de Planejamento” (BRONZE, 2020).

No sentido cultural da festa, na mediação entre povo e cultura, Amaral (2008) destaca que

A festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, da alimentação, da dança, dos mitos, das máscaras, atesta com veemência esta proposição. A festa é, ainda, mediação entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o passado, presente e futuro, entre “nós” e os “outros”, revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura. Mediando os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. A festa é a mediação; o diálogo da cultura com si mesma (AMARAL, 2008, p. 5, grifo nosso).

Desta feita, o capitalismo se apropria da festa para transformá-la em objeto de economia, a partir da circulação de bens e serviços (AMARAL, 2008). Neste sentido, de acordo com Terra (2010, p. 219), “a festa passa a ser utilizada com recurso, sendo apropriada como uma das possibilidades de delimitação das particularidades locais frente ao mercado

global” (grifo nosso). Para Corrêa (1997, p. 279), a festa ainda promove um “conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico”.

Figura 5 - O trem do forró como manifestação cultural e produto econômico do evento



Fonte: Internet (Reprodução)

Figura 6 - Vila do Artesão como produto cultural e econômico



Fonte: Internet (Reprodução)

O primeiro conceito mobilizado é o de “cultura”, podendo ser definido, de acordo com Claval (2014, p. 29), como “o conjunto de utensílios e de saber-fazer que permite aos homens se apropriarem do meio”. Neste sentido, a apropriação do meio se dá a partir da

mediação entre a festa e o indivíduo. Esta apropriação do meio pelos homens é heterogênea, considerando que estes homens estão divididos em classes e lugares sociais distintos, distinguindo também os seus interesses.

Neste sentido, compreendendo a festa enquanto um lugar de mediação entre o homem e sua cultura, bem como um lugar onde as relações de troca estão presentes – a partir das relações capitalistas, o segundo conceito utilizado neste projeto é o de “paisagens culturais”, considerando a formação da paisagem em xeque – a festa, feita a partir da cultura e da tradição local, culminando em uma construção identitária (COSTA, 2012).

Desta feita, as paisagens geográficas têm sua construção mediada pela cultura, o que abre um leque para uma abordagem interdisciplinar. Entretanto, concordando com Santos (2000), cada disciplina tem uma forma de abordagem única, que a diferencia das demais, embora trabalhada em interdisciplinaridade. Sobre este conceito de “espaço”, o terceiro conceito utilizado para esta pesquisa, Santos (1977; 2006) define o espaço enquanto um lugar utilizado a partir das relações materiais do homem com este lugar, possibilitando as relações de troca praticadas entre eles. Neste sentido, um simples lugar passa a se caracterizar como “espaço” à medida que passa a ser utilizado pelo homem.

Apropriamo-nos desta categoria de “espaço” para definir não somente as cidades, mas o próprio espaço da festa junina, a partir da percepção do espaço enquanto um lugar de relações de trocas – simbólicas ou materiais, ou enquanto uma festa produtora de desenvolvimento econômico. Para Santos (1994, p. 49), o espaço geográfico se insere enquanto um "conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações, deliberadas ou não".

Para o referido autor, existe ainda uma ordem financeira que tem interesse e manipula a configuração dos espaços, a partir de um "mercado hierarquizado e articulado pelas firmas hegemônicas, nacionais e estrangeiras que comandam o território com apoio do Estado" (SANTOS, 1991, p. 13). A relação que se estabelece entre esta teoria e o presente objeto de estudo se dá quando o autor não faz uma separação entre atividades humanas – inclusive e, sobretudo as laborais, e a configuração dos espaços:

Os recursos totais do mundo ou de um país, quer seja o capital, a população, a força de trabalho, o excedente etc., dividem-se pelo movimento da totalidade, através da divisão do trabalho e na forma de eventos [...] (SANTOS, 2006, p. 108, grifo nosso).

A associação com o turismo se dá quando o autor define que “o território termina por ser a grande mediação entre o Mundo e a sociedade nacional e local, já que, em sua funcionalização, o ‘Mundo’ necessita da mediação dos lugares” (SANTOS, 2006, p. 230).

Neste sentido, a festa se identifica em um entrelace entre cultura, capital e território, possibilitando a produção de impactos à sociedade local e frequentadores do evento.

4.2. A importância da festa segundo a população amostral

A entrevistada J.D.N., residente em Campina Grande, afirma frequentar a festa e acredita que o festejo é “importante para a questão econômica, cultural e o turismo da cidade”. O entrevistado A.C.S., não residente em Campina Grande, mas afirmando frequentar a festa, acredita que a mesma “torna-se importante culturalmente e economicamente para o município”.

O entrevistado C.V.N., residente em Campina Grande e frequentador da festa, acredita que a mesma é “de grande importância tanto em desenvolvimento quanto economicamente, visto que o turismo e comércio se multiplicam”. R.L.O., não residente na cidade, mas frequentador do festejo, afirma que a festa é “muito boa para o desenvolvimento econômico e cultural da nossa região”.

A entrevistada G.M., residente na cidade e frequentadora da festa, afirma que o festejo é importante para “movimentar a economia”. Semelhantemente, A entrevistada M., apesar de não frequentar a festa afirma que esta “melhora a economia”. De forma crítica e reflexiva, o olhar do entrevistado L.L.S. sobre a festa distoa dos relatos anteriores. Morador de Campina Grande e não frequentador do evento, o entrevistado afirma:

Olha, infelizmente meu olhar pra essa festa é unicamente de forma crítica. Porque, essa festa perdeu sua característica inicial. Não consigo ver algo que faça jus ao nome da festa, que é MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO. A cada ano que passa vamos perdendo força no tocante a nossa cultura, porque os organizadores que privatizaram o evento tem priorizado atrações que não representam a cultura nordestina. Por isso e outras coisas, como a falta de descentralização do evento (como era antigamente), ou seja, investir em programações nos bairros da cidade, como também a privatização do sítio São João, a falta de apoio a reestruturação do vale do jatobá (mesmo sendo da iniciativa privada) me levam apenas a ter um olhar crítico sobre a festa.

O entrevistado S.F., por sua vez, não residente em Campina Grande e frequentador do festejo, acredita que a festa tem sua importância na “geração de renda e divulgação da cidade”. Semelhantemente, R.L.C., residente na cidade e frequentadora do evento, acredita que a festa é “importante para a valorização da cultura, para o crescimento econômico da cidade e oportunidades de trabalho para os moradores da região, entre outros”.

O entrevistado L.B., apesar de nem residir em Campina Grande, tampouco frequentar o evento, admite que a festa “para quem gosta é boa”. A entrevistada A.C.R., residente em

Campina Grande e frequentadora do evento, acredita que a festa “atrai muitos turistas, movimenta o setor econômico e ajuda muitas pessoas com empregos mesmo temporário”.

O entrevistado D.L.S., residente na cidade, apesar de não frequentar o festejo acredita este ser “de alta importância devido a chegada de turistas e fomento das atividades comerciais e artísticas gerando receita para a população da cidade”. Semelhantemente, R.J.S., não residente em Campina Grande e não frequentadora do evento, admite que este tem importância no “crescimento econômico da cidade durante as festividades”.

A entrevistada S.T.C., também não residente em Campina Grande e não frequentadora da festa, admite que o festejo “tem importância cultural e econômica para a cidade por movimentar o comércio local”. Do mesmo modo, o entrevistado D.V.D., também não residente na cidade e não frequentador do evento, admite que a festa é “essencial para movimentar a economia do município”.

A entrevistada A., por sua vez, residente em Campina Grande e frequentadora do evento, acredita que a festa tem importância nos planos “econômico e cultural”. A entrevistada M.I., apesar de não residir na cidade, frequenta o evento e acredita que este “além do valor cultural, movimenta a economia”. Semelhantemente, a entrevistada M.S., residente em Campina Grande e frequentadora do evento, afirma que este “movimenta o comércio e várias áreas culturais”.

A entrevistada R.C.C., residente em Campina Grande e frequentadora do evento, acredita também que este tem importância para “movimentar a economia local, preservar e estimular a cultura regional, como músicas, danças e comidas típicas”. Semelhantemente, G.C., moradora da cidade e frequentadora do evento, acredita que o festejo “alavanca o turismo; aquece vários setores do comércio e promove a valorização da cultura regional”.

A entrevistada M.A.N., apesar de não residente em Campina Grande e não frequentadora do evento, acredita que a festa é importante para “aumentar a economia em todos os setores para os grandes empresários mais também empreendedores que espera as festas juninas para terem suas rendas extras”. Do mesmo modo que J.S., não residente na cidade, mas frequentadora do evento, que acredita que, sobre o festejo, “sua importância pauta-se no desenvolvimento econômico da cidade, dando aos empreendedores/comerciantes a oportunidade de vender seus produtos no período em que a festa ocorre”.

O entrevistado R.R.S., residente na cidade e frequentador da festa, acredita esta ser “de grande relevância para a economia e a cultura da cidade”. A entrevistada R., residente em Campina Grande, mas não frequentadora do evento, acredita que a festa possui “importância

econômica”. Do mesmo modo que o entrevistado J.L.C., também residente na cidade e não frequentador do evento, que acredita que a festa possui importância “econômica”.

A entrevistada P.B., residente em Campina Grande e frequentadora do evento, acredita que “a empregabilidade neste período cresce bastante”. L.S., por sua vez, não residente em Campina Grande, mas frequentadora do festejo, acredita que este possui importância “financeira, cultural e de visibilidade”.

O entrevistado S.L.N., residente na cidade e frequentador do evento, acredita que este possui “uma grande importância além da questão econômica traz benefícios sociais e culturas para a cidade”. A colaboradora A.M.C., não residente em Campina Grande e frequentadora do evento, acredita que este tem importância “econômica e turismo”.

A entrevistada I.R., não residente em Campina Grande, mas frequentadora do evento, afirma este ser um “evento cultural que impacta positivamente na arrecadação de recursos financeiros para tantas pessoas e famílias”. M.F.A., por sua vez, apesar de não residir em Campina Grande nem frequentar a festa, acredita que esta proporciona um “boom econômico”.

A entrevistada S.M.L. também distoa das respostas ao afirmar que “para quem vai e gosta nada contra”. Apesar de não residente em Campina Grande e não frequentadora da festa não possui nada contra o festejo. O entrevistado M.M.D., por sua vez, residente na cidade e não frequentador da festa, acredita que esta é “muito importante para a economia da cidade”.

A entrevistada M.M.L., não residente em Campina Grande, mas frequentadora do evento, enxerga que

A realização da festas juninas é de extrema importância para a cidade de Campina Grande, tendo em vista a importância cultural e econômica do evento, pois, trata-se do maior evento junino em termos mundiais, sem o evento, com certeza, a economia tende a ser prejudicada/abalada.

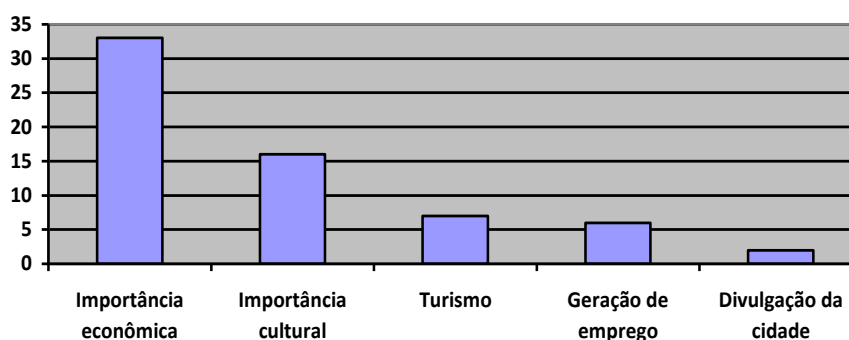
A entrevistada E.L., residente em Campina Grande e frequentadora do evento, acredita: “Considero de suma importância, visto que ser um evento importante para a economia da cidade e respectivamente da grandeza turística do município”. Semelhantemente, A entrevistada A.R.S., residente na cidade e frequentadora do evento, afirma que o festejo é importante para “exaltar a cultura municipal e regional, fortalecer a economia local”.

A entrevistada G.N.C., apesar de não residente em Campina Grande e não frequentadora do festejo, acredita que este proporciona “crescimento econômico”. Semelhantemente, A.L., residente na cidade e frequentadora do evento, também acredita que a principal importância do evento está na “economia”.

O entrevistado K.M.O., também residente na cidade e frequentador da festa, acredita que esta “do ponto de vista econômico, é um dos melhores períodos para a economia local, do ponto de vista social, é um evento inclusivo e do ponto de vista cultural, fideliza as tradições nordestinas e resgata a cultura raiz da nossa região”. Contrariamente, A entrevistada L.F., não residente em Campina Grande e não frequentadora do evento, afirma que este “só serve para gastar e desviar dinheiro Público”.

Desta forma, as percepções sobre a importância da festa se concentraram em indicadores comuns, expressas nas palavras-chave: “importância econômica”, “importância cultural”, “turismo”, “geração de emprego” e “divulgação da cidade”. Estes indicadores estão, de forma quantitativa, dispostos da seguinte forma nas respostas.

Gráfico 1 - Importância da festa para a população amostral

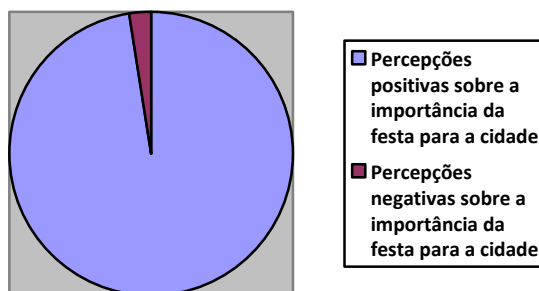


Fonte: Autor (2022)

Conforme demonstrado no gráfico, 33 respostas associaram a importância da festa ao fator econômico, 16 respostas mencionaram a importância culturais, 7 respostas ao turismo, 6 respostas à geração de emprego e 2 respostas à divulgação da cidade. O que se percebeu foi a proeminência da importância econômica da festa para a população amostral, com uma quantidade de menções que quase se duplicaram em relação ao segundo maior indicador das respostas – importância cultural, o que sugere o caráter econômico não somente da festa, mas também da cidade, como um elemento forte na cultura da cidade.

Entretanto, não foram somente respostas positivas que foram apresentadas sobre a festa, de acordo com a população amostral, conforme demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Percepções positivas e negativas sobre a importância da festa



Fonte: Autor (2022)

Conforme apresenta o gráfico, das 40 respostas, 1 apresenta uma visão detratora sobre a festa. Algumas pessoas afirmaram não gostar da festa, mas não atribuíram um valor detrator à festa, apenas uma pessoa o fez. Este dado sugere pensarmos que não é todo mundo que gosta da festa ou a enxerga de forma importante, o que se é possível compreender dentro de uma taxa de amostragem que confirma que, em maior quantidade de população amostral, este número certamente cresceria, considerando que enxergar importância na referida festa não é uma totalidade.

Ressaltamos ainda que a crítica feita pelo entrevistado L.L.S. não reflete de forma detratora à festa em si, mas sim na descaracterização que o poder político que controla a festa permitiu que se fizesse.

4.3. Os prejuízos do cancelamento da festa

Semelhantemente, os entrevistados apresentaram suas percepções sobre os prejuízos do cancelamento da festa para a população e frequentadores, bem como, para a cidade. A entrevistada J.D.N. acredita que

a pandemia terminou impactando de forma negativa em vários aspectos, mas quem sentiu mais, por exemplo, foram as pequenas empresas, comerciantes e vendedores autônomos. Sendo assim, com a pandemia não ocorreu a tradicional festa junina da cidade, gerando impacto na renda dessas pessoas.

Semelhantemente, o entrevistado A.C.S. também avalia “prejuízo econômico”. Bem como o entrevistado C.V.N., que também avalia que os prejuízos foram “diversos, pois foram dois anos de muito sofrimento ao povo campinense, além de sofrer com a pandemia a parte econômica foi de grande abalo”.

O entrevistado R.L. avalia de forma resumida que o prejuízo foi “muito grande”. O entrevistado G.M. também avalia que os prejuízos se refletiram no “comércio, rede hoteleira, atividades informais etc. tiveram prejuízo financeiro e falta de emprego”. Semelhantemente,

A entrevistada M. também avalia que o cancelamento da festa “trouxe grandes prejuízo para a economia”.

De forma crítica, o entrevistado L.L.S. avalia que

Pra população em geral não vejo que teve prejuízo, "prejuízo tiveram mais aqueles que deixaram de ganhar em torno de 400 mil pra cantar três horas. Vale ressaltar a situação dos vendedores ambulantes e os barraqueiros, que realmente deixaram de ganhar alguma coisa.

Apesar de apresentar uma crítica, o entrevistado concorda que houve um prejuízo para os pequenos comerciantes locais. Semelhantemente, o entrevistado S.F. avalia prejuízos na “diminuição da renda local”. Em mesmo tom, a entrevistada R.L.C. destaca

Queda econômica em todos os setores mas principalmente na música local, restaurantes, hotéis e de vestuário também. Além disso, muitas famílias carentes, ficaram em necessidade pois, dependiam apenas das festas juninas para vender seus produtos em suas barracas como as comidas típicas.

O entrevistado L.B., por sua vez, acredita que “fica na dependência de algo para se deveria”, não apresentando maiores detalhes. A entrevistada A.C.R. acredita que os prejuízos se refletem “principalmente no setor econômico que sofreu com hotéis, bares, restaurantes e etc. Afetando vários micros empreendedores e ambulantes”.

Semelhantemente, o entrevistado D.L.S. acredita que os prejuízos se refletem na “não criação de empregos temporários em lojas, bares, falta de receita para artistas locais e para o artesanato e falta de arrecadação para os governos estadual e municipal”. No mesmo tom avalia a entrevistada R.J.S., afirmando que “o maior prejuízo foi justamente no setor onde a festa mais favorece, o setor econômico. A ausência da festa deixou de gerar muitos empregos, mesmo que temporários, e também impediu que muitos comerciantes deixassem de comercializar seus produtos e serviços”.

Semelhantemente, a entrevistada S.T.C. acredita que “a população sentiu o impacto na economia pois a cidade deixou de gerar empregos diretos e indiretos durante o período festivo”. O entrevistado D.V.D. avalia que o prejuízo foi “enorme, tendo em vista que é uma das principais atividades econômica do município”. Da mesma forma, a entrevistada A. destaca que os prejuízos foram “diversos... Principalmente econômico”.

A entrevistada M.I. destaca “diminuição do comércio, redução das atividades culturais”. A entrevistada M.S.C. também acredita em “prejuízo financeiro”. Semelhantemente, A entrevistada R.C.C. avalia prejuízos “principalmente relacionado ao retorno financeiro que a festa costuma proporcionar à economia local”.

A entrevistada G.C. aponta que “o cancelamento da festa teve vários efeitos negativos dos quais destaco a queda nas vendas em todos os setores do comércio, falta de oportunidade para os ambulantes comercializarem os seus produtos, esvaziamento dos hotéis, entre outros”. Semelhantemente, a entrevistada M.A.N. aponta “prejuízos econômicos pois sem festas não há consumo em todos os setores de comércio”.

A entrevistada J.S. também aponta que

Os prejuízos circulam acerca da economia da cidade. Muitos moradores da região veem a festa como uma ferramenta de trabalho, mas com o assombro da pandemia as festas foram suspensas por dois anos o que de certa forma veio a prejudicar muitos indivíduos que tira na festa a sua principal fonte de renda.

O entrevistado R.R.S., por sua vez, destaca “prejuízos na cultura, na receita da prefeitura e no desenvolvimento artístico da cidade”. De forma crítica, A entrevistada R. destaca que “além do prejuízo econômico, não considero outros, uma vez que a festa em si traz também seus malefícios em razão de roubos, assaltos, acidentes entre outros”, corroborando, portanto, com os prejuízos econômicos, apesar de olhar de forma crítica a festa.

O entrevistado J.L.C. percebe prejuízo “econômico”. A entrevistada P.B., por sua vez, destaca como prejuízos a “falta de emprego para várias famílias que esperam tantos meses para conseguir um extra”. A entrevistada L.S. destaca para prejuízos “financeiros, culturais, de visibilidade, entre outros”.

O entrevistado S.L.N. discorre: “Acho que quem saiu mais prejudicado foram os setores de vendas, comércio e serviço o que de certa forma deixa um rombo na economia da cidade”. A.M.C., por sua vez, percebe prejuízo “financeiro, emocional” à população. A entrevistada I.R., semelhantemente, aponta para prejuízo “cultural, financeiro e social”. Resumidamente, a entrevistada M.F.A. destaca o “desemprego”.

A entrevistada S.M.L. afirma: “Bastante prejuízo”, não especificando, mas reconhecendo que o cancelamento da festa causou prejuízos. O entrevistado M.M.D., por sua vez, destaca que o prejuízo “afeta na questão financeira em vários setores da cidade”. A entrevistada M.M.L. afirma que

Os prejuízos estão voltados principalmente para a economia local da cidade, pois, o evento destaca-se por acolher turistas de todo o mundo, os quais movem a economia da cidade, a exemplo de turistas que se hospedam durante os vários dias que ocorrem o evento (trinta dias de festas), além do consumo em lojas de roupas/calçados, salões de beleza, bebidas, entre outros. Ou seja, durante os dois anos que houve a pandemia do COVID-19, o comércio, com certeza, sentiu os prejuízos da não realização do evento, visto que uma grande movimentação nos comércios esse evento propicia aos comerciantes locais de Campina Grande.

A entrevistada E.L. acredita que “os prejuízos são vários; especialmente na área hoteleira, abalando assim a economia da cidade”. A entrevistada A.R.S. destaca “prejuízo financeiro aos artistas locais, bem como aos comerciantes/ambulantes da cidade, além da rede hoteleira e de turismo”. A entrevistada G.N.C. destaca como prejuízos “desemprego e entrada de circulação de dinheiro”.

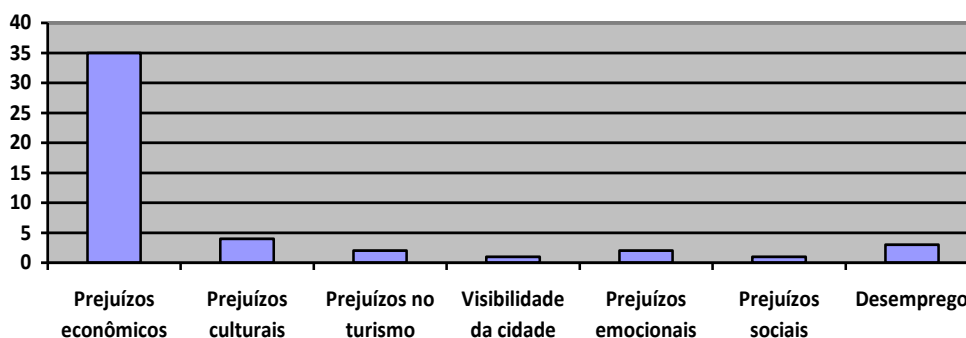
Distoando das respostas, A.L. acredita que “não teve um surto significativo”. O entrevistado K.M.O., por sua vez, acredita que

o principal prejuízo é o econômico, esse período representa o melhor ciclo de arrecadação e faturamento do comércio, seja formal ou informal, do hoteleiro ao vendedor de milho em carrinhos, a economia já conta com esse período para garantir a sobrevivência dos negócios que estão relacionados ao evento.

Por fim, A entrevistada L.F., também distoando das respostas e mantendo sua crítica à festa, acredita que “todo mundo economizou dinheiro e verba pública, gastando com itens essenciais”.

Portanto, de acordo com o quadro amostral, os prejuízos se apresentam a partir dos indicadores: “econômicos”, “culturais”, “turismo”, “visibilidade”, “emocional”, “social” e “desemprego”, dispostos quantitativamente da seguinte forma:

Gráfico 3 - Prejuízos de acordo com o quadro amostral



Fonte: Autor (2022)

O que mais chama atenção novamente é o olhar da cidade sobre o fator econômico, indicador que se apresenta proeminentemente em destaque em relação aos outros indicadores mencionados pela população amostral, com 35 respostas vinculadas, seguido de prejuízos culturais, com 4 respostas; prejuízos no turismo, com 2 respostas; visibilidade da cidade, com 1 respostas; prejuízo emocional à população, com 2 respostas; prejuízo social, com 1 resposta; e, desemprego, com 3 respostas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir da pesquisa foi possível identificar que a pandemia do COVID-19 afetou festas regionais e típicas de várias cidades no Brasil, tendo esta pesquisa estimado os impactos à festa junina da cidade de Campina Grande.

A festa junina de Campina Grande representa uma importância tanto no nível cultural quanto econômico, sendo esta importância estimada pela população amostral pelos indicadores econômicos, culturais, no turismo, na geração de emprego e na divulgação da cidade.

Os impactos do cancelamento desta festa, por sua vez, se apresentaram a partir dos indicadores econômicos, culturais, no turismo, na visibilidade da cidade, no prejuízo emocional à população, prejuízo social e desemprego.

Desse modo, espera-se que este estudo sirva como parâmetro para pesquisas futuras que mensurem os impactos desta pandemia dos tempos atuais para a cidade de Campina Grande, contribuindo esta pesquisa para a festa de maior tradição da cidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. de. *História de Campina Grande*. Campina Grande: Pedrosa, 1962.
- AMARAL, R. Festas, festivais, festividades: Algumas notas para a discussão de métodos e técnicas de pesquisa sobre festejar no Brasil. In: *Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades – CIRS/CASO/CEFET*, Natal, 2008.
- BARRIOS, S. A produção do espaço. In: SANTOS, M. & SOUZA, M. A. (Orgs.). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986.
- BRAGA, R. M. O espaço geográfico: Um esforço de definição. In: *EOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, nº 22, pp. 65-72, 2007.
- BRONZE, G. Sem São João, Maranhão, Bahia e Pernambuco devem ter prejuízo de mais de R\$ 1 bi: Festas que costumam atrair milhares de visitantes não acontecerão este ano devido à pandemia de coronavírus. In: *CNN Brasil*, online, 2020. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/2020/05/28/sem-sao-joao-maranhao-bahia-e-pernambuco-devem-ter-prejuizo-de-mais-de-r-1-bi>>. Acesso em 15/4/2021.
- CÂMARA, E. *Datas campinenses*. Campina Grande: Caravelas, 1997.
- CASTRO, F. L. de. O Sorriso da “Mona”: Reflexões sobre Economia Criativa. In: CASTRO, F. L. de; TELLES, M. F. de P. (Org.). *Dimensões econômicas da cultura*: Experiências no campo da economia criativa no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.
- CLAVAL, P. *A geografia cultural*. 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2014.

CORRÊA, R. L. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

SANTOS, M. O espaço geográfico: algumas considerações. In: SANTOS, M. (Org.). *Novos rumos da Geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982.

COSTA, F. L. da.; CUNHA, A. P. Bases teóricas e metodológicas para identificação, mapeamento e planejamento de territórios criativos. In: CASTRO, F. L. de; TELLES, M. F. de P. (Org.). *Dimensões econômicas da cultura: Experiências no campo da economia criativa no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

COSTA, O. J. L. A imaginação geográfica e as representações dos lugares sagrados. In: *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n.32, p. 48-60, 2012.

COSTA, S. P. V. A. *O maior São João do Mundo, de Campina Grande – PB e as concepções de desenvolvimento: Uma análise de conteúdo das falas de atores envolvidos em sua formulação e realização*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

DAMASCENO, B. Setor de eventos prevê prejuízo de R\$ 173,9 milhões no Ceará com o impacto da pandemia. In: *O Povo*, online, 2021. Disponível em <<https://mais.opovo.com.br/jornal/economia/2020/04/04/setor-de-eventos-preve-prejuizo-de-r--173-9-milhoes-no-ceara-com-o-impacto-da-pandemia.html>>. Acesso em 15/4/2021.

FERREIRA, L. F. O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar. In: *Espaço e cultura*, UERJ, n.15, p. 7-21, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M de A. *Fundamentos de metodologia Científica*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFEBVRE, H. *Espacio y Política*. Barcelona: Península, 1976.

LEFEBVRE, H.. *The production of space*. UK/USA: Blackwell, 1991.

MALTERUD, K. *Qualitative research: Standards, challenges, and guidelines*. S/C: S/E, 2001.

MATOS, T. P. C. *Os festejos juninos como oportunidade de desenvolvimento turístico: Maior São João do Mundo de Campina Grande*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Brasília. Brasília: UNB, 2018.

MILENA, L. Economista fala sobre os impactos econômicos do cancelamento do Carnaval: Os trabalhadores informais serão um dos mais afetados pela não realização da festa. In: *UOL*, online, 2021. Disponível em <<https://interior.ne10.uol.com.br/noticias/2021/02/12/economista-fala-sobre-os-impactos-economicos-do-cancelamento-do-carnaval-203997>>. Acesso em 15/4/2021.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, M. A revolução tecnológica e o território: Realidades e perspectivas. In: *Terra Livre*, n.9, p. 7-17, 1991.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização*: Do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: A formação social como teoria e como método. In: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n.54, p. 80-99, 1977.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo*: Globalização e meio técnico-científico internacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

TERRA, A. C. L. Festas Populares: simbolismo, trajetória e possibilidades na geografia cultura. In: *Brasilian Geographical Journal: Geosciences and humanities research medium*, Uberlândia, v.1, n.2, p. 211-227, 2010.